



## **GESTO E LINGUAGEM COMO MEDIADORES NO PROCESSO COGNITIVO: ENSINO DE ARTES PARA CEGOS**

Ana Lúcia Oliveira Fernandez Gil - UDESC

**RESUMO:** O presente artigo pretende investigar estudos que tratam do desenvolvimento humano a partir da perspectiva sócio-histórico-cultural e de teorias que privilegiam múltiplas inteligências e saberes. Propõem-se metodologias que valorizem o potencial humano e suas diferentes capacidades visando à aprendizagem, utilizando-se do gesto corporal e da linguagem como instrumentos mediadores na construção de significações simbólicas e estéticas.

**Palavras-chave:** mediação, inclusão, educação, inteligências, cegos.

As reflexões que seguem buscam promover diálogos a partir do desenvolvimento psicológico do sujeito invisual, que partindo da diferença em relação ao indivíduo provedor dos cinco sentidos, desenvolve diferentes capacidades para sua adaptação e integração no meio sócio-cultural enquanto personalidade singular.

### **1. O Desenvolvimento Humano a partir da perspectiva sócio-histórico-cultural em Vigotsky**

O nascimento não é somente um evento na etapa evolutiva, biológica, mas também um evento social. Projeta-se no futuro sujeito a garantia de perpetuação da espécie, bem como a propagação da cultura no qual este ser estará inserido. A partir da interação com o meio este indivíduo constitui-se enquanto ser no mundo, inicialmente pela mediação do Outro na construção e aquisição de experiências e conhecimentos.

O sujeito enquanto ser biológico e psicológico passa por estágios de desenvolvimentos necessários para sua maturação, aprendendo a entender e

codificar seus movimentos. O gesto comunica uma intenção que a partir de um desejo, pede uma resposta que será de fundamental importância no processo de significação. A mãe, este “ser outro” instrumentaliza esse processo a partir do entendimento do gesto. Vigotsky (1989-1997) utiliza o movimento de apontar para exemplificar esta troca de informações a partir do gesto corporal. Após a repetição do gesto de maneira continuada, a criança começa a internalizar a ação como uma forma de comunicar o seu desejo que entendido pela mãe, vai respondê-lo através de um estímulo também gestual, pegando o objeto desejado por seu filho, entregando-lhe.

Se a mãe, por algum motivo não respondesse ao ato de apontar do filho, este poderia não associar o gesto como instrumento na realização de sua vontade e poderia até não associar o ato de apontar como um indicativo corporal comunicacional, utilizando-se de outros mecanismos para a aquisição de significações a partir da interação com a mãe (outro) e posteriormente com o meio social ao qual faz parte. O gesto é um instrumento de relevante importância, pois auxilia no processo de desenvolvimento psicológico. Ao nascer, o primeiro contato do bebê com a mãe se dá através do contato corporal, com o acolhimento.

Fazendo uso do exemplo de Vigotsky (1989-1997), quando refere-se ao ato de apontar, o que dizer a respeito deste ato enquanto gesto de comunicação e posteriormente cognição no estudo de caso para crianças cegas congênitas? A criança cega não irá perceber os objetos à sua volta da mesma maneira que a criança vidente; o ato de apontar para a criança cega não terá a mesma importância como é para a criança vidente pelo fato de que a criança invisual vai utilizar as mãos para situarem-se no espaço onde está inserido. A necessidade de “apalpar” e não de “apontar” será um fator determinante para esta criança situar-se no mundo. Outros métodos serão utilizados para instrumentalizar o processo de desenvolvimento psicológico na personalidade da criança cega.

Vigotsky (1989-1997) entende “o desenvolvimento psicológico do sujeito como um processo de natureza cultural”. Ou seja, o processo da criança é o processo no qual ela deverá apropriar-se, pouco a pouco nos limites de suas possibilidades reais,

das significações atribuídas pelos homens às coisas do mundo. O autor enfatizava o processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. Para o teórico, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado *mediação*. Esta mediação acontece por meio de instrumentos e signos, segundo Vigotsky.

Vigotsky (1989-1997) apresenta os instrumentos como ferramentas que criamos com o intuito de facilitar e aprimorar tarefas, estabelecendo a mediação entre o sujeito e o meio, transformando-o. É o caso da tesoura, que serve para cortar um papel ou podar uma planta, por exemplo. Os signos também são chamados de “instrumentos psicológicos”, contudo mediam o processo de internalização do sujeito que está a aprender com o outro, num processo de interação cultural. Os jogos de memória, por exemplo, são instrumentos psicológicos que auxiliam no processo de aprendizagem por parte das crianças, que com o tempo, irão memorizar “mentalmente” estes códigos, sem necessariamente ter que consultá-los.

O aprendizado, segundo o autor se dá de maneira muito mais significativa quando o sujeito utiliza-se de ferramentas que o auxiliem no processo de internalizarão, o que posteriormente acontece por meio de mediação simbólica. Ao significar e compreender um objeto ou situação, este indivíduo passa a ter um repertório de cognição mental que posteriormente o auxiliará na compreensão de mundo, não precisando mais recorrer às ferramentas mediadoras concretas para ajudar no seu processo de desenvolvimento psicológico.

A criança invisual cria mecanismos como o estímulo acentuado da memória e atenção para lidar com questões como a utilização do espaço, por exemplo, que acontece de forma calculada e seqüenciada, através da memorização dos objetos à sua volta e percursos realizados para a locomoção. Apesar da cegueira, o cérebro do cego não sofre danos mentais no sentido de retardo; há uma nova organização que faz com que este grupo de indivíduos possa levar uma vida praticamente normal, contudo cria novos sistemas de readaptação, pois sua noção de espaço é

inquestionavelmente prejudicada e a expressão destes por meio do corpo é contida pelo fato de não enxergarem os objetos à sua volta, os seus movimentos não conseguem ser espontâneos ou livres como os dos videntes.

De acordo com Vigotsky sobre a cegueira:

A cegueira, na criação de uma nova e única forma de personalidade, traz à vida forças novas; ela muda as tendências normais de funcionamento; ela criativa e organicamente, refaz e transforma a mente de uma pessoa. Conseqüentemente não é um mero defeito, um menos, uma fraqueza, mas é em algum sentido também a origem de manifestações de habilidades, um mais, uma força (contudo estranha e paradoxal como pode parecer!) (VIGOTSKY, 1934/1997, p. 2)

Esse “a mais” que Vigotsky apresenta diz respeito às diferentes capacidades e habilidades que as pessoas cegas adquirem para se adaptarem ao mundo, que pode acontecer de duas formas: positiva ou negativa. Segundo o autor, de acordo com o desenvolvimento psicológico subjetivo de cada indivíduo e a sua interação com o meio social, este ser isolado pode receber uma educação que o estimule ou que o proteja demasiadamente, tendo como conseqüência desta mediação com o Outro, uma vitória ou um fracasso, gerando interações qualitativas ou o conflito, a partir do isolamento social.

É interessante pensar que o surdo tem menos danos nas funções cerebrais e fisiológicas que o cego, pois este pode enxergar o mundo como um todo. O cego, em sua natureza é indefeso, pois este está à mercê do mundo. Porém o surdo perde muito mais; o seu desenvolvimento pela linguagem é extremamente prejudicado, pois por conta da surdez acaba sendo mudo, o que acaba excluindo-o do convívio social por não ter o domínio da fala, necessitando de outros sistemas e métodos de comunicação.

Esse conflito, trabalhado de maneira a incitar a auto-estima e autonomia do indivíduo, pode converter-se em habilidades, adquirindo um “a mais” no que

tange às relações do cego com o meio social. Este pode trabalhar e estudar sem ter prejuízos no desenvolvimento do seu aprendizado. Vale lembrar que a presença do Outro pela mediação é de fundamental importância, pois este indivíduo amplia as possibilidades de aprendizagem por conta dessa interação sócio-cultural, internalizando o que foi transmitido e convertendo em cognição e memória mental.

Os objetos passam a ter significações estéticas para o invisual através da mediação gestual e verbal e não propriamente através da percepção como acontece com os videntes. Faz-se necessário a criação de diferentes mecanismos para a realização de experiências estéticas onde o corpo é o objeto de estudo e enquanto signo, é um “instrumento psicológico” que segundo Vigotsky, auxiliará na construção de significações através da mediação com o cego e o meio onde está inserido socialmente, integrando-o.

O contato com o ambiente externo provoca um conflito, causado pela disparidade entre o órgão (ou função) deficiente e suas tarefas: isto conduz a um aumento de oportunidades para a doença e para a fatalidade. Este conflito também cria o aumento de possibilidades de estímulo para uma nova compensação. Deste modo o defeito torna-se estímulo e a principal motivação para forçar de volta o desenvolvimento psicológico da personalidade. Se a luta termina com vitória para o organismo, então ele não faz frente somente com as dificuldades causadas pelo defeito, mas ele (por si mesmo) ergue-se a um nível superior do desenvolvimento, transformando a deficiência em competência, um defeito em habilidade, fraqueza em força, inferioridade em superioridade. (VIGOTSKY, ano1934/1997, p. 9)

## **2. O Desenvolvimento Humano na ótica das Inteligências Múltiplas em Gardner**

Howard Gardner, teórico contemporâneo que trata das questões do desenvolvimento humano, assim como Vigotsky, acredita também que o indivíduo é um ser biológico e social e que as interações com o meio são ferramentas que ampliam as possibilidades de aprendizagem. Gardner vai enfatizar as competências

do sujeito, que apresenta diferentes inteligências e habilidades, manifestando mais umas que outras. Para Gardner o propósito da escola deveria ser o de desenvolver essas inteligências e ajudar as pessoas a atingirem seus objetivos de ocupação adequados ao seu aspecto particular de inteligência. Gardner propõe uma escola centrada no indivíduo, voltada para um entendimento e desenvolvimento próprios do perfil cognitivo do aluno.

Na perspectiva gardneriana a inteligência é uma capacidade geral e única que permite ao indivíduo desenvolver habilidades para resolver problemas. É ainda uma capacidade geral, encontrada em vários graus em todos os indivíduos, que irão desenvolver-se de acordo com experiências históricas e culturais por eles vividas (parte do mesmo princípio de Vigotsky).

No estudo de caso abordado, serão enfatizadas as inteligências: Lingüística, Espacial, Corporal - Cinestésica e as Pessoais (inter e intrapessoais) por enfatizarem as questões dos gestos corporais, do espaço, de linguagem e significações a partir do meio cultural e do processo de internalização, por meio da mediação simbólica.

A intenção ao abordar esses estudos é de propiciar diferentes métodos qualitativos que favoreçam o sujeito no estímulo de suas capacidades individuais e estimular através da mediação a conversão de deficiências em competências. No caso da inteligência lingüística, esta deve ser enfatizada por conta do estímulo que a pessoa cega tem de se superar e integrar-se no meio social por meio da fala como compensação pela falta de visualidade, este sujeito aperfeiçoa sua memória verbal, espacial e auditiva.

A linguagem é, portanto, um instrumento psicológico ou uma competência por meio da inteligência capaz de inserí-lo no contexto sócio-cultural, o que o torna uma personalidade singular através da narrativa, reforçada por estímulos do meio em que vive, devido ao acesso constante à descrições verbalizadas, criando assim através da imaginação uma “imagem mental” das coisas, sentimentos e objetos, utilizando-se de outras modalidades sensoriais para o processo de desenvolvimento humano.

A Inteligência espacial consiste na capacidade do indivíduo de manobrar e operar utilizando esse modelo. Paradoxalmente, o espaço é um desafio para o invisual, pois este sujeito é desprovido da noção do todo. Porém, a partir deste *défict* aperfeiçoa e supera suas capacidades que o fazem locomover-se, criando diferentes sistemas em relação à sua localização no espaço, detendo o controle do trajeto que está acostumado a realizar. Utiliza-se de instrumentos e signos que o auxiliam na compreensão deste espaço, bem como bengala e contagem de passos, por exemplo, com o objetivo de realizar o percurso desejado. A sua maneira de aprender a localizar-se no espaço se dá de forma autêntica.

A Inteligência Corporal-Cinestésica consiste na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos utilizando o corpo. Esta inteligência é de relevante importância na abordagem das questões estudadas, pois a ênfase está no corpo enquanto mediador de significações, utilizando o gesto como instrumento de comunicação, como é o caso dos dançarinos, artistas e profissionais que precisam utilizar-se deste tipo de inteligência para desenvolver suas atividades e proporcionar uma troca de conhecimentos que façam sentido.

De acordo com (Nunes; Freitas; Zimmermann : 2006), pode-se dizer que:

Nesse sentido entendemos que é próprio da criança e do adolescente buscar na arte o seu meio mais significativo de expressão entre o “eu” e o “mundo exterior”, pois a arte permite possibilidades de visibilidade, de comunicação e expressão, inclusive não verbal, desenvolvendo o pensar, a percepção, a imaginação, o sentimento e a criação, que são aspectos indispensáveis para compreender outras competências no desenvolvimento humano. (CORRÊA; NUNES; 2006, p. 61)

O intuito neste estudo foi tentar elucidar como essas inteligências se manifestam e contribuem para provocar habilidades e possibilidades criativas através do ensino de Artes Visuais para cegos, pois permite a interação por meio de materiais, instrumentos e procedimentos variados que vão auxiliar e desenvolver competências no manuseio destas, aperfeiçoando as habilidades motoras finas e amplas, objetivando uma ampliação dos movimentos e sua compreensão em relação

à forma dos objetos não somente pelo toque, mas incentivar essas pessoas a terem acesso às representações de base, ou seja, figuras que independentemente da cultura ao qual estão inseridas, fazem parte de símbolos coletivos, através dos arquétipos (sol, lua, mãe, pai, filho, etc) ou formas básicas (como círculo, quadrado e triângulo) que unidos, podem formar as figuras anteriores, de maneira simplificada.

Vale ressaltar que essas estruturas e figuras de base são encontradas em todo o mundo, por serem inerentes ao desenvolvimento humano, que a partir de etapas ou estágios, começam realizando movimentos livres e espontâneos até a aquisição de estruturas figurativas que comuniquem o mundo à sua volta. Esses sistemas simbólicos são manifestados por meio de diversas competências intelectuais que as pessoas foram construindo e desenvolvendo de geração em geração. De acordo com Gardner (1994, p. 199) pode ser “as capacidades necessárias que foram trabalhadas ao longo dos milênios por seres humanos e passadas adiante com grande atenção e habilidade, dos indivíduos mais velhos para os indivíduos mais jovens”.

Desse modo as experiências vividas pelos sujeitos vão acrescentar instrumentos e signos que possibilitam o seu desenvolvimento de maneira externa e interna, ou seja, a partir do momento em que a pessoa aprende com outra um ofício, por exemplo, está ampliando o seu campo de aprendizagem a partir do meio externo. Esse aprendizado não acontece de forma passiva, como já dizia Vigotsky, o sujeito recebe a informação, contudo ele também pode vir a questionar os processos nos quais esse outro ser utilizou para mediar o conhecimento. É um verdadeiro “palco de negociações”. Quando o sujeito aprende com este “ser outro” o ofício e este internaliza o processo, conseguindo com êxito repetir tais ações e procedimentos, este indivíduo “compreendeu” esta tarefa; ocorre o processo contrário: a significação se dá a partir do meio para o indivíduo a partir de uma mediação simbólica interna.

Segundo Gardner:

O desempenho maduro de uma área não significa o desempenho maduro em outras áreas, assim como as realizações talentosas em determinada

área não implica na realização talentosa em outra (...). As inteligências se manifestam de maneiras diferentes em níveis de desenvolvimentais diferentes. (GARDNER, 1995, p. 32-33, apud CORRÊA; NUNES; 2006, p. 69).

Gardner utiliza os mesmos termos de Vigotsky para denominar as inteligências intra e interpessoais. O que vai diferenciá-lo em relação ao Vigotsky é que o autor utiliza o termo “inteligência” para tratar as relações inter e intrapessoais e pela crítica que se faz à teoria de Gardner por ter características de empiricidade, ou seja, passa por inúmeras experimentações não possuindo uma pedagogia consolidada como a do Vigotsky.

### **3. Proposições de ensino de Artes para cegos: uso de metodologias que valorizem as potencialidades humanas**

- i. No caso do aprendizado para crianças cegas, estes dispositivos mediadores são ativados de maneira a auxiliar no processo de mediação simbólica, utilizando o corpo e a fala enquanto instrumentos psicológicos com o intuito de propiciar significações, trazendo o uso de metodologias que valorizem suas capacidades, a apresentar formas peculiares de exercícios para a sua adaptação, como por exemplo, o uso dos *esquemas gráficos tátil-visuais* <sup>1</sup>.

Vale ressaltar a importância deste método, criado por DUARTE (2011) que, para além do uso dos *esquemas gráficos tátil- visuais* nos desenhos infantis, ou para adultos que não tiveram uma iniciação ao estudo de artes, o esquema de imitação sensorio motora cuja aplicação é feita com crianças e adultos cegos em seus desenhos, consiste em imitar as linhas de contorno de uma figura e sua trajetória, auxiliado pelo professor e com o professor, assim memorizando a sua forma na sua totalidade, decodificando-a, através da repetição.

Percebendo essa necessidade, DUARTE (2011) criou este método para

propiciar uma aprendizagem onde os cegos pudessem ter acesso a alguns desenhos “comuns”, estruturas de base, ou seja, desenhos que independente da cultura ao qual estão inseridos são representados de maneira muito semelhantes; bem como o gesto, os desenhos também comunicam.

Apresento a síntese da seqüência metodológica criada por DUARTE (2011) no que tange o processo de ensino para crianças cegas:

- Percepção tátil do objeto ou de sua maquete tridimensional (tatos ativo e passivo);
- Delimitação das bordas de superfície do objeto/maquete em ação tátil linear (tato ativo, procedimento sensoriomotor);
- Percepção tátil do esquema gráfico planejado em material emborrachado (E.V.A) (tatos ativo e passivo);
- Delimitação das bordas de superfície do esquema gráfico em material emborrachado – do todo e das partes que compõem o esquema na seqüência prevista para o desenho – em ação tátil linear (tato ativo, procedimento sensoriomotor);
- Percepção tátil do esquema gráfico em desenho da figura e as partes que compõem o esquema gráfico (procedimento sensoriomotor);
- Realização do desenho em giz de cera sobre papel sobreposto à prancha recoberta com tela (a fim de garantir o relevo tátil das linhas grafadas) em procedimento tátil e sensoriomotor;
- Leitura de imagem do desenho realizado (tatos ativo e passivo).

Vale dizer que estes métodos foram acompanhados de descrição verbal por parte da autora; inclusive criou músicas infantis explicando o processo de desenhar, bem como a direção das linhas, formas e movimentos de uma maneira lúdica. Pode-se observar que os gestos, bem como a linguagem estão presentes de forma pertinente nos processo de desenvolvimento psicológico da criança.

Poderia se ampliar o uso destes *esquemas gráficos tátil-visuais* nas trajetórias utilizadas por pessoas invisuais para se locomover e desempenhar suas atividades como ferramenta de localização do espaço através de um aprendizado

que privilegiasse, através da imitação gestual e descrição verbal, trajetórias e tempos musicais que, ao serem repetidamente aplicados, sejam memorizados e internalizados; seriam utilizados como dispositivos auxiliares com o objetivo de localizarem o indivíduo num determinado ponto no espaço.

Segundo Edgar Morin: “Não somos um só. Somos seres biológicos, psicológicos, históricos, culturais, sociais, míticos”. Somos um só corpo que compõem muitos “outros” que através da inquietude, pode ter a sensibilidade de olhar para o outro e tentar ver a nós mesmos. A inclusão não é somente um ato de amor, de caridade, como muitos vêem de maneira distorcida, realçando ainda mais a deficiência do outro, e sim uma forma de capacitar esse indivíduo mostrando para este suas potencialidades, conduzindo-o à superação, ajudando-o a inseri-lo na sociedade, trazendo força e dignidade para esse grupo de pessoas que possuem maneiras peculiares de viverem e sentirem o mundo.

Somos resultado do cosmos, da natureza, da vida, mas devido à nossa própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornámo-nos estranhos a este cosmos do qual fazemos parte. Evoluímos para além do mundo físico e vivo. É neste mais além que se opera o pleno desdobramento da humanidade. A unidualidade – o homem é um ser plenamente biológico, mas se não dispusesse plenamente da cultura seria um primata do mais baixo nível. O homem só se completa em ser plenamente humano pela e na cultura. Não existe cultura sem cérebro humano, mas não há mente ou seja, capacidade de consciência e de pensamento sem cultura. (MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro)

Deficientes somos nós por não termos a sensibilidade de compreendê-los na sua essência. Na verdade, eles têm muito a nos ensinar, pois a maioria da humanidade carece de racionalidade para entender que a individualidade, o descaso e a hipocrisia são os piores sintomas de deficiência e racionalização que se poderia encontrar na contemporaneidade. O ensino da Arte pode ser um dispositivo que pode acionar, de maneira criativa, diferentes e peculiares formas de ver e sentir o

mundo, tornando-nos seres mais “humanos”.

(Endnotes)

1 Criada pela professora Maria Lúcia Batezat Duarte, o uso dos esquemas gráficos tátil visuais auxiliam o cego a decodificar, através da imitação sensório motora o gesto impresso ao desenhar desenhos de base, começando primeiramente por formas geométricas.

**REFERÊNCIAS:**

CORRÊA, Ayrton Dutra; **NUNES**, Ana Luiza Ruschel; (orgs). **O ensino das artes visuais: uma abordagem simbólico-cultural**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2006, p 59 - 99.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. **Desenho Infantil e seu ensino a crianças cegas – Razões e Método**. Curitiba : Insight, 2011.

GARDNER, Howard. **A Criança Pré-Escolar: como pensa e como a escola pode ensiná-la** / Howard Gardner; trad. Carlos Alberto S. N. Soares – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico** / Martha Kohl de Oliveira. São Paulo: Scipione, 1997.

PINO, Angel. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **The Blind Child (A criança cega) in “The collected Works of L. S. Vigotski”**. Tradução para fins didáticos realizada por Adjunto Eudes Fabri com a colaboração de Achilles Delari Jr. E Eugenio Pereira de Paula Jr.

**Ana Lúcia Oliveira Fernandez Gil**

Design (bacharelado) - UNIFACS (1999). Ed. Artística (licenciatura) com hab. Artes Plásticas - UDESC (2010). Bolsista do Projeto Academicismo e Modernismo nas Artes Plásticas da América Latina (2007-2008). Bolsista de extensão no Projeto NUPEART Pro...Move (2008 - 2009) - UDESC. Experiência na área de Artes, Ensino e Design. Desenvolve projetos gráficos e na área de web design. Mestranda do PPGAV – UDESC.